

A Direção de Arte como Elemento Narrativo em Beatriz Vira Folhas¹

Maria Eduarda Braga PRIOTTO²

Aline Wendpap Nunes de SIQUEIRA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

O presente artigo analisa a direção de arte do longa-metragem mato-grossense "Beatriz Vira Folhas" e sua influência na narrativa cinematográfica, explorando os elementos visuais como figurinos, cenários e paletas de cores, que trabalham para transmitir emoções, desenvolver personagens e enriquecer a experiência do espectador. Através do estudo visual do filme, caracterizam-se os elementos estéticos integrados à trama e como contribuem para a construção do universo narrativo do filme.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; direção de arte; figurino; cenário; cinema nacional.

CORPO DO TEXTO

No contexto cinematográfico, a direção de arte desempenha um papel de criação do ambiente visual, que envolve a narrativa de um filme. Em "Beatriz Vira Folhas", dirigido por Samantha Col Debella, esse aspecto se destaca como um elemento essencial na construção da linguagem cinematográfica. Oferecendo uma representação do universo emocional e físico dos personagens, a direção de arte torna-se fundamental ao retratar o ambiente em que vive Beatriz e como sua personalidade é moldada por ele.

Entende-se por direção de arte a concepção do ambiente plástico. O diretor de arte é aquele quem fica responsável pela criação conceitual, estética e visual do filme. Colaborando junto ao diretor e ao diretor de fotografia, visando a criação do espaço com objetivo de dar movimento à imagem, ou seja, uma visualidade real. A criação de formas, texturas e profundidade são feitas de acordo com o roteiro do filme. Dessa forma, a direção de arte consiste na concepção artística de um filme (CARVALHO, 2019, p. 12).

O enredo do filme gira em torno do medo da mudança e da adaptação a uma nova rotina experimentada pela protagonista, Beatriz. Após mudar-se para o interior com sua família, a jovem se vê imersa em um novo meio social, e então, busca criar seu

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual: análise fílmica e estilo cinematográfico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Graduanda do Curso de Cinema e Audiovisual da UFMT, email: mariadudapriotto@hotmail.com

³ Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea, professora do curso de Cinema e Audiovisual da UFMT, email: alinewendpap@gmail.com

próprio mundo com a imaginação, ao mesmo tempo em que nutre uma intensa nostalgia por seu lugar de origem. Gravado em Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, o filme captura a simplicidade da vida no interior durante a década de 1980, período em que as interações presenciais eram o principal meio de comunicação, sem a interferência dos avanços tecnológicos.

A vontade de reencontrar sua melhor amiga, Clara, com quem compartilhou um pacto de não fazer novas amizades na nova escola para preservar sua amizade, impulsiona Beatriz a participar de um concurso municipal. Nesse evento, os alunos mais destacados são premiados com uma viagem à capital do Estado. Contudo, para garantir sua participação, Beatriz precisa redigir a melhor redação da escola. Diante desse desafio, ela se vê confrontada com suas próprias limitações na leitura e escrita, gerando um conflito interno.

A representação visual dessa luta interna de Beatriz é evidenciada pela cuidadosa seleção de elementos cenográficos e figurinos que refletem sua jornada emocional. Desde os detalhes da vida cotidiana até os momentos de introspecção da personagem, a direção de arte do filme proporciona uma imersão completa no mundo de Beatriz, destacando sua busca por identidade e seu desejo de pertencimento.

A assinatura de Raphael Henrique como diretor de arte leva o processo de criação de uma arquitetura visual em "Beatriz Vira Folhas". Com sensibilidade artística, a arte do filme desempenha um papel fundamental na materialização do mundo fictício, traduzindo a visão do diretor em cenários, figurinos e objetos que não apenas ambientam a história, mas também enriquecem sua narrativa emocional. A estética é autêntica e imersiva, transporta o espectador para o universo de Beatriz e suas experiências.

Para a criação de um filme existem três instâncias importantes e que devem trabalhar de forma conjunta, são elas: Direção Geral (DG), Direção de Arte (DA) e Direção de Fotografia (DF). Este trabalho visa destacar o papel do diretor de arte, como efetivamente atua na construção da linguagem cinematográfica, ou nos aspectos visuais que permitem dar uma corporeidade ao filme (ORTIZ, 2015, p. 02).

O clima cinematográfico criado no filme permeia a totalidade da experiência de Beatriz, uma menina que compartilha sua vida entre o ambiente familiar, escolar e as atividades cotidianas. A representação visual foi elaborada através da seleção de

figurinos que refletem não apenas sua identidade, mas também o estilo de vida dinâmico e exploratório de Beatriz.

A concepção de um figurino deverá servir, logicamente, às intenções da encenação, possibilitando, através da percepção visual, um entendimento do contexto temporal, da ambientação histórica da narrativa e das características inerentes às personagens retratadas - sexo, idade, aparência (cor, raça, compleição física), aspectos psicológicos e peculiaridades - que serão identificados pelo espectador (SCHOLL, 2009, p. 02).

Para a personagem, a liberdade e a vitalidade juvenil são aspectos fundamentais, por isso, a escolha de roupas se concentra em peças leves e confortáveis, permitindo-lhe brincar e correr com desenvoltura. A peça central de seu guarda-roupa, a jardineira, personifica essa liberdade, enquanto blusas vibrantes complementam sua expressividade. No contexto escolar, a uniformização é incorporada à narrativa, onde a blusa social e a saia são adotadas como elementos simbólicos.

Além do vestuário, os acessórios desempenham um papel crucial na caracterização de Beatriz. Chuchinhas coloridas adornam seus cabelos, proporcionando-lhe não apenas uma aparência lúdica, mas também preservando sua individualidade. Penteados simples, muitas vezes com o cabelo amarrado, refletem sua disposição para manter o cabelo sem atrapalhar seus movimentos diários. A seleção de acessórios, como braceletes, evoca uma nostalgia da infância, como se fosse uma brincadeira escolher as combinações das pulseiras.

Figura 1 – Figurino de Beatriz



Fonte: Filme *Beatriz Vira Folhas* (2023)

Sobre a Direção de Arte, Vera Hamburger (2014) aponta que:

A influência de seu trabalho é ampla. Suas propostas atuam estruturalmente na

composição da cena ao mesmo tempo em que a composição plástica opera em diferentes camadas da percepção. O desenho do espaço cênico e sua ambientação estabelecem pontos de referência para a ação prevista, assim como para a iluminação, enquadramentos e movimentos de câmera, agindo diretamente sobre a coreografia da cena. (HAMBURGER, 2014, p.19)

A escolha para a construção cênica foi fundamentada em referências das escolas regionais, onde a criatividade dos alunos poderia florescer. Cartazes coloridos, elaborados pelos próprios estudantes, mapas geográficos, o alfabeto completo e até mesmo os cadernos dos alunos compõem as cenas, onde a sala de aula transcende sua função básica para se tornar um personagem por si só.

A escola, portanto, é retratada como um ambiente vibrante e estimulante, onde a energia e a diversidade dos alunos são evidenciadas através dos elementos visuais cuidadosamente selecionados. A presença de cartazes e materiais educativos nas paredes não apenas enriquece o cenário, mas também contribui para a imersão do espectador na atmosfera escolar.

Além disso, a construção da biblioteca dentro da escola é representada como um espaço sagrado, onde o conhecimento é valorizado e celebrado. Livros alinhados em prateleiras, mesas de estudo e cadeiras confortáveis convidam os personagens e o público a mergulhar no mundo da leitura e da aprendizagem. A biblioteca, assim como a sala de aula, é mais do que apenas um cenário; é um reflexo do valor atribuído à educação e ao desenvolvimento intelectual dos estudantes.

Figura 2 – Biblioteca



Fonte: Filme Beatriz Vira Folhas (2023)

A análise da direção de arte em "Beatriz Vira Folhas", dirigido por Samantha Col Debella, destaca a importância crucial desse aspecto na construção da linguagem cinematográfica e na imersão do espectador no universo emocional e físico dos personagens. A materialização do mundo fictício do filme traduz a visão de uma menina que anseia retornar à sua cidade natal, envolvendo-se em um concurso de leitura e redação. Os cenários, figurinos e objetos selecionados enriquecem a estética visual, onde até mesmo o ambiente se torna um personagem por direito próprio.

Um aspecto notável a ser enfatizado é a transformação da biblioteca ao longo do filme. Inicialmente apresentada como escura, antiga e até mesmo amedrontadora, a personagem Irmã Lourdes, bibliotecária, demonstra inicialmente relutância em relação à presença de Beatriz no local. Sua postura inicialmente distante e desconfiada, típica de uma pessoa conservadora que valoriza a ordem e a rigidez, contribui para a atmosfera intimidadora da biblioteca no início da história.

Beatriz persiste em frequentar a biblioteca em busca dos livros para sua redação, até que sua dinâmica entre ela e a Irmã Lourdes começa a mudar. Conforme Beatriz demonstra interesse em passar no concurso, a Irmã Lourdes se dedica a fazer com que a menina goste de livros, levando-a até o mundo da imaginação. Essa mudança na relação entre as duas personagens é acompanhada por uma transformação gradual na atmosfera da biblioteca. As cenas passam a mostrar a biblioteca como um local mais acolhedor, com uma iluminação mais suave e uma aura de tranquilidade, refletindo a evolução do relacionamento entre Beatriz e a Irmã Lourdes.

Situado no interior durante a década de 80, o filme nos apresenta à jornada de Beatriz em meio ao temor da mudança e à adaptação a uma nova rotina. A direção de arte nos transporta para esse cenário nostálgico, onde a escola e a biblioteca desempenham papéis de destaque como elementos que espelham os valores e desafios enfrentados pela protagonista.

Em suma, a direção de arte em "Beatriz Vira Folhas" desempenha um papel vital na criação de um ambiente visualmente envolvente e autêntico, que complementa e enriquece a narrativa do filme. Por meio de elementos cenográficos e figurinos, somos transportados para o universo de Beatriz e suas experiências, resultando em uma experiência cinematográfica memorável.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Lorena Santos De. **Uma análise da Direção de Arte de Os Excêntricos Tenenbaums**. Brasília - DF: Universidade de Brasília, 2019. 12 p.

ORTIZ, Lorena Angin Yannina Camusso. **Direção de Arte: influências históricas que compõem o figurino e a maquiagem do “O Grande Hotel Budapeste”**. Rio de Janeiro - RJ: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. 02 p.

SCHOLL, Raphael Castanheira. **Figurino e Moda: Intersecções entre criação e comunicação**. Blumenau - SC: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. 01 p.

HAMBURGER, Vera. **Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro**. Editora Senac: Brasil, São Paulo, 2014.

BEATRIZ VIRA FOLHAS. Direção: Samantha Col Debella, Molêra Filmes. Chapada dos Guimarães: Moro Filmes, 2023.